DOI: 10.30612/eduf.v%vi%i.14676 ISSN: 2237-258X

RESENHA

CULTURAS INFANTIS, CRECHE E INTERSECÇÃO: O FEMINISMO NEGRO INTERROGA AS PESQUISAS COM CRIANÇAS.

Ana Laura Bonini Rodrigues de Souza[1]

SANTIAGO, Flávio. *Eu quero ser o sol!* Crianças pequenininhas, culturas infantis, creche e intersecção. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. 154p.

Esta resenha se refere ao livro *Eu quero ser o Sol! Crianças pequenininhas, culturas infantis, creche e intersecção*, de Flávio Santiago (2019). O livro é resultado da tese de doutorado deste autor, a qual foi indicada pela Faculdade de Educação da UNICAMP ao Prêmio Capes de Tese/2020. Como destaca Faria (2019) no prefácio deste livro, "Este livro traz uma pioneira e profícua discussão sobre a interseccionalidade também em relação à idade".

Flávio Santiago é caipira e gordo, como gosta de ser denominado. Ele é militante pelos direitos humanos e pós-doutorando da Universidade de São Paulo, junto ao Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada, da Faculdade de Educação. Atuou como professor de educação infantil na cidade de Ribeirão Bonito e como professor universitário junto à Faculdade Zumbi dos Palmares - Black University.

O livro tem como objetivo contribuir com os estudos referentes à produção das culturas infantis, de modo a explorar aspectos relativos às (re)interpretações das crianças pequenininhas, negras e brancas, de 0 a 3 anos, de um coletivo infantil em uma creche pública, acerca das intersecções das práticas racistas e sexistas.

A partir deste pressuposto, o autor articula toda sua escrita a fim de apontar a necessidade de se pensar as crianças como sujeitos sociais localizados em um contexto social marcado pela diferenciação racial, de gênero e de idade.

[1] Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Filosofia e Ciências-campus de Marília/SP (UNESP-Marília-SP).

Em diálogo com esta perspectiva, cabe destacar que a infância não pode mais ser pensada de forma abstrata:

> As experiências que marcam as histórias das meninas brancas pequenininhas, dos meninos brancos pequenininhos, das meninas negras pequenininhas e dos meninos negros pequenininhos são distintas, e os colocam em lugares sociais também diferenciados na estrutura hierárquica do sexismo e de classe (SANTIAGO, 2019, p.137).

Ancorado no campo teórico do Feminismo Negro, Santiago (2019) apresenta aos leitores(as) aspetos de uma análise sociológica relativa à interseccionalidade, de forma a nos alertar com relação a tomada de posições, as quais parecem representações da totalidade, na medida em que acabam por reproduzir, inúmeras vezes, epistemologias responsáveis por policiar qualquer posição que se desvie da experiência oficial do que seja uma criança branca, cis, ocidental.

Como destaca o autor:

> A análise interseccional constitui-se em ferramenta teórico-metodológica para compreender e desvelar os processos de interação entre relações de poder e categorias como classe, gênero e raça em contextos individuais, práticas coletivas e arranjos culturais/institucionais (SANTIAGO, 2019, p.136).

Conforme trecho selecionado, embora atualmente o conceito de interseccionalidade tenha ganhado expressividade, o autor apresenta preocupação em relação ao entrelaçamento das categorias raça, gênero, classe social e sexualidade – estando esses conceitos presentes nas lutas e nas construções epistemológicas feministas negras, desde a travessia do primeiro navio negreiro para as Américas (AKOTIRENE, 2019).

O que torna o livro algo novo é apresentar essas intersecções a partir do olhar das crianças pequenininhas, bem como pensar esses marcadores associados à categoria idade – entendida não em uma perspectiva biológica, mas sociológica, como etapa ou momento da vida que inscreve significados sociais e sofre forte influência de representações externas acerca do que seja uma criança, um adolescente, um adulto ou um velho.

Dentro deste contexto, Santiago (2019) destaca também a necessidade de pensar as hierarquias sociais pautadas a partir da diferenciação por idade, o que constrói, em muitos contextos, uma invisibilidade do protagonismo das crianças pequenininhas:

> [...] é indispensável à análise das hierarquias produzidas e reproduzidas nas diferentes esferas da vida social, inclusive quando pensamos as culturas infantis, pois as relações construídas refletem problemas oriundos da inter-

> relação entre diferentes categorias; as crianças, desde que nascem, estão inseridas na sociedade (SANTIAGO, 2019, p. 29).

O autor pontua aspectos relativos à nossa interpretação "adultocêntrica" em relação à produção das culturas infantis, na qual as crianças pequenininhas criam e recriam seus modos de viver a partir do mundo adulto e, assim, também reproduzem preconceitos advindos de uma criação dentro do que poderíamos chamar de uma cultura com maior eloquência social.

Embebidos por olhares adultocêntricos de vigilância, muitas vezes acionamos "[...] percepções a respeito das relações afetivas, bem como estabelecemos padrões de comportamento do que é ser uma menina pequenininha e o que é ser um menino pequenininho" (SANTIAGO, 2019, p.123), invisibilizando a própria agência das crianças.

Santiago (2019) discute de forma leve e inspiradora as culturas infantis, de modo a enfatizar as suas próprias vivências. Dito isso, caminho mais além nesta resenha, de forma a estabelecer um diálogo com Burke (2005) – o qual ressalta que a Nova História Cultural representa um meio pelo qual há possibilidade de dar voz às histórias não contadas oficialmente, ao adotar como enfoque o cotidiano, as subculturas, ou seja, as culturas à parte das histórias ditas como "dos poderosos no meio social", ou ainda, as micro-histórias – ao perceber na expressão de Santiago as vozes das crianças que foram trazidas ao texto, ou ainda, a "vontade falada". Percebe-se, a partir dessas vozes, que há nelas um poder de rompimento de padrões coloniais, a exemplo do racismo e do sexismo, que são apresentados nas escritas do autor (Santiago, 2019). Vozes as quais aparecem no texto de forma inspiradora e emocionante, motivando-nos a ser quem realmente somos.

Santiago (2019) nos leva a indagar sobre a nossa postura ética em relação à construção do campo de pesquisa ao qual estamos ligados, destacando o fato de que é impossível construir novos conhecimentos antes de questionar o nosso local histórico, enquanto sujeito na sociedade. O autor destaca que é importante levarmos em consideração o local de fala do pesquisador e enfatiza que toda pesquisa é marcada pela experiência do sujeito junto ao mundo. Desta forma, Santiago observa em seu trabalho que as crianças, desde pequenininhas, já apresentam uma percepção a respeito do que seus corpos representam na sociedade, além disso, o pesquisador aponta a presença massiva de aportes da branquitude no contexto da creche, ao acentuar que:

> A branquitude presente cotidianamente na Educação Infantil reforça a soberania e o privilégio impostos pela colonialidade do saber, propiciando às crianças somente o contato com determinadas histórias, estilos estéticos e experiências afetivas (SANTIAGO, 2019, p. 135).

A leitura da obra permite a percepção da envolvente relação de crianças negras e suas culturas perdidas pelo Atlântico (AKOTIRENE, 2019), o que demonstra a necessária compreensão da estrutura tradicionalista, a qual é reprodutora do colonialismo europeu imposto à população originária do país que hoje denominamos de Brasil.

A leitura do presente livro é motivadora e inspira os seus leitores a "brilharem", como *Layla*, menina pequenininha negra, que é uma das "personagens" deste livro, a qual inspirou o autor a nomear esta obra, ao dizer: "Eu quero ser o sol".

Ao usar esta expressão, a personagem afirma que gostaria de iluminar o dia, "[...] tomando em suas mãos a produção da vida, desarticulando as amarras da colonialidade que marcam as crianças negras pequenininhas desde o nascimento [...]" (SANTIAGO, 2019, p.131), como explica o pesquisador. As crianças pequenininhas mostraram ao autor que têm inúmeras outras possibilidades de existir e de construir as infâncias. Além disso, a partir da leitura deste livro, observa-se que muitas dessas crianças fogem da chave racista que hierarquiza as relações sociais.

Nesse sentido, essa se mostra uma obra valiosa que tem muito a contribuir com os debates das perspectivas culturais, feministas interseccionais, pós-coloniais/descoloniais e, principalmente, com o campo da educação infantil.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, C**.** *Interseccionalidade*. São Paulo: Polén, 2019.

BURKE, P. *O que é História Cultural?*. Tradução Sérgio Goes de Paula. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005 (revista ampliada).

SANTIAGO, F. *Eu quero ser o sol!* Crianças pequenininhas, culturas infantis, creche e intersecção. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. 154p.

Recebido: 10/02/2020
Aprovado: 08/04/2020